

reflexões sobre

ARTEvisual

v.4 n.23 dezembro 2023

***Comparativos e
Superlativos em
Arte Visual.***

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualeinsino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.4, No.23, dezembro 2023 – Comparativos e *Superlativos em Arte Visual*.

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Círculos crescentes.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Comparativos e Superlativos são adjetivos destinados a dizer algo sobre substantivos. Podem ser significativos que eles nos dizem algo sobre um substantivo e se referem a eles em Gênero, Número e Grau. O que interessa neste texto é relação de Grau, ou seja, o nível de qualidade e/ou importância entre coisas da mesma categoria temática em relação a igualdade, inferioridade ou superioridade.

Se for “muito” superior aí é qualificada como “Superlativa”. Portanto o Superlativo classifica, relativa ou absolutamente, algo que extrapola muito mais os níveis anteriores, positiva ou negativamente. Em Arte Visual sempre surgem “*experts*” ou pessoas no senso comum mesmo que se dedicam a julgar e Obras de Arte qualificando ou estabelecendo comparações entre elas por puro gosto ou ignorância.

Então é hábito surgirem comentários, especialmente nas mídias de informação, que estabelecem comparações e qualificações dizendo que tal obra é muito melhor do que outra, que uma obra é superior a todas as outras ou simplesmente que as habilidades técnicas de um artista supera todas as outras ou ainda que a “qualidade” da obra é tão “real” que reproduz as coisas como se fosse uma fotografia.

A ideia que impera nos meios de comunicação de massa, como são as redes sociais, ajudam a difundir a ideia de que obras de Arte Visual devem ser julgadas a partir de alguns “critérios” como: habilidades técnicas de execução, identidade com o mundo visível, comparativo entre artistas ou obras, gosto dominante e outras “qualificações” anacrônicas presentes no senso comum.

Obviamente vários processos avaliativos estabelecem comparações, critérios de aferição e verificação capazes de distinguir, destacar ou valorar coisas em relação a outras, especialmente nas ciências naturais em que é necessário estabelecer parâmetros precisos para que algo se torne “lei”, norma ou conduta, no entanto, no campo das ciências humanas ou sociais, isto é relativo.

Neste sentido é impossível estabelecer julgamentos em relação às manifestações artísticas sem levar em conta condicionantes históricas e socioculturais que ignorem período, local e aspectos típicos que influenciaram ou provocaram o surgimento de um tipo ou outro de manifestação. Não dá para dizer todas as Obras de Arte produzidas pela humanidade ao longo do tempo são suscetíveis aos mesmos critérios de julgamento ou aferição.

Supor que todas as obras produzidas pela humanidade podem ser avaliadas com base em critérios comum é um erro grave, considerando a ignorância do senso comum, é imperdoável, mas compreensível. No entanto no campo especializado da Arte, de suas teorias e conhecimento, isto não é comum e não tende a acontecer. Daí a importância da educação e do ensino.

Feitas estas distinções iniciais pode-se entrar no assunto propriamente dito: os motivos e condutas que levaram a Arte Visual a este estado de coisas. As questões consideradas mais importantes, no contexto destas publicações é o sentido das palavras, como também os seus contextos significativos, especialmente no campo da Arte Visual onde certas palavras assumem o *status* de Conceito.

A origem da palavra ***Superlativo*** é latina: *superlatus* que corresponde a *exagero*. Portanto a questão aqui é falar sobre o uso de palavras que excedem os limites do bom-senso atribuindo à Obras de Arte e/ou artistas, valores além do que comportam ou justificam recorrendo a palavras que exageram qualidades e criam “modelos” ou referenciais para serem imitados ou cultuados.

Tal comportamento é comum e em boa parte das vezes revela preconceitos ou crenças por parte de quem supervaloriza certos períodos, artistas e obras em detrimento de outras que, por opinião, não merecem tal distinção. Revela também a falta de informação ao se colocar como autoridade ou “juiz” da produção artística adotando atitudes arrogantes e de superioridade distinguindo umas e renegando outras.

Voltando à palavra superlativo, o *super* é, de fato, o exagerado e *lat*, deriva de *tolere* cujo sentido é tirar, levar embora. Daí a razão do que foi dito há pouco: a ausência de bom-senso no processo de avaliação quando se recorre ao uso de palavras superlativas como recurso ou subterfúgio para emitir opiniões com aparência de autoridade, mas que, no fundo, são simples engodos ou falácias.

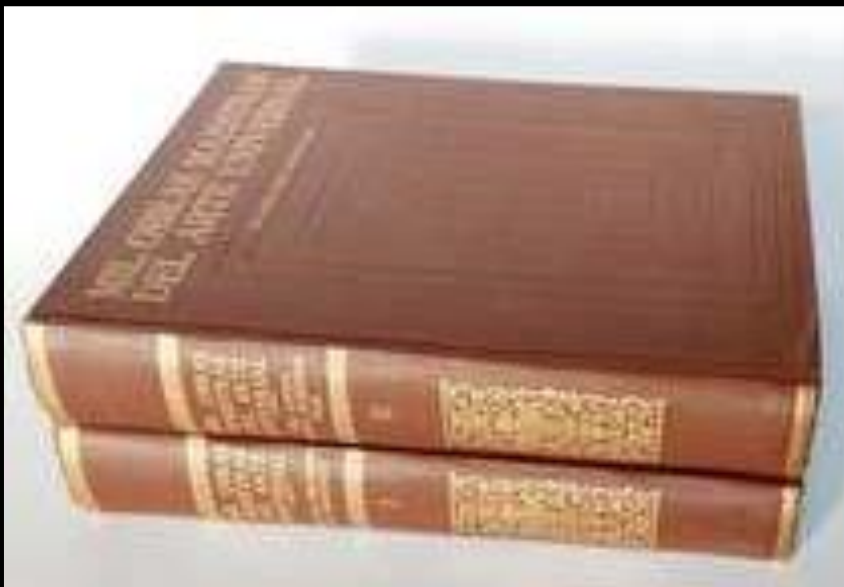
Nesta linha de raciocínio é necessário compreender que o uso exagerado de qualificações e distinções, por falta de informação ou mesmo intencionalmente, comprometem as análises da produção artística ao contaminá-las com palavras enaltecidas que não contribuem em nada para os estudos da produção artística além de intensificarem as “máximas” e lugares comuns já presentes na sociedade.

Entre as posturas conservadoras relativas à Arte Visual podem ser destacadas duas terminologias: Obras Primas ou Mestras e Obras Universais. Tais atribuições eram comuns em publicações sobre Arte Visual até meados do século XX. Editoras usavam estes termos para qualificar suas publicações sugerindo representar aos leitores o supra sumo das manifestações artísticas.

O conceito de Obra Prima/Mestra se referem às obras produzidas por artistas no período clássico e apresentadas para serem qualificadas pelas Guildas ou Corporações de Ofício, como Mestre, uma condição para tornar-se responsável pela produção artística e pela orientação de Oficiais e Aprendizes, Isto o autorizava a exercer o ofício de Arte e não era uma qualificação genérica atribuída às Obras de Arte.

A ideia de Arte Universal também foi bastante difundida com base na colonização do gosto eurocêntrico. Era comum enaltecer artistas, períodos, estilos ou movimentos oriundos da cultura europeia em detrimento de outras consideradas menos “civilizadas”. Uma maneira de atribuir a algumas obras um “selo” de valor, destacando-a de um conjunto com base em supostas qualidades.

O problema é saber quem julga ou como são definidas tais qualidades e, principalmente, se um autor ou uma editora tem o poder de definir um padrão de gosto para todo o “universo”. O conceito filosófico de Universal tem a ver com o conceito de “verdade absoluta”, ou seja, algo que sempre será verdadeiro em qualquer tempo: passado, presente e futuro; e em qualquer parte do universo.

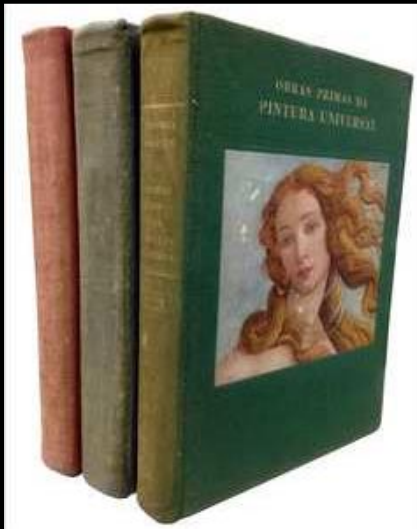


Um conjunto de livros que segue a tendência de valorizar certas obras qualificando-as como Primas e Universais é: *Mil Obras Maestras del Arte Universal*, de Alejandro Cirici Pellicer, Ed. Instituto Gallach, 1946.

Neste caso, a publicação parte de uma seleção de mil obras, provavelmente, muitas delas sem imagens reproduzidas e algumas em preto e branco. Enfim, esta super valorização da publicação adota uma certa arrogância ao indicar que o autor foi capaz de analisar tais obras a partir de critérios que justificassem atribuir-lhes a qualificação de Obras Mestras ou Obras Primas. Algo bastante exagerado.

Ao recorrer a publicação citada, pode-se perceber que quem determinou a escolha de tais obras foi o próprio autor, de acordo com seus critérios e autoridade que lhe cabe ou supõe que tenha. O segundo aspecto se refere ao recorte que destaca apenas Pinturas e não quaisquer outras modalidades. Este é um hábito comum: tomar a Pintura como única referencia para falar de Arte Visual.

Como foi dito, Universal é comumente atribuído a “todo o universo”, supostamente este “universo” só diz respeito a uma cultura ou a uma visão estreita de sociedade em que “todos” compreendem o mundo do mesmo modo. No entanto, as características da Arte Visual, mesmo de um só período ou de um só autor ao longo da história ou da história de vida, apresentarem variações e particularidades, portanto, não universais.



Outro exemplo deste tipo é a coleção acima: *Obras Primas da Pintura Universal*, de Thomas Craven, em três volumes, Editora Delta, 1952. Faz um recorte da Renascença à atualidade, mas o que se observa é a recorrência à visão tradicional ocidental.

No caso das coleções apontadas o uso de termos como Obras Primas e Universais quer distingui-las como as melhores de certos períodos e também de outros artistas menos famosos. Como se percebe também, o uso de tais qualificações servem para enaltecer um conjunto de obras em detrimento de outras que não foram selecionadas justamente por não cumprirem os requisitos adotados pelo autor.

Basta observar que as variações culturais, etnográficas, antropológicas, sem falar em conceituais, propositivas e estéticas já são suficientemente diversas para desacreditar a universalidade de certas criações artísticas em detrimento de outras que nunca a atingiriam, portanto tal universalidade tende a nutrir o senso comum, pois, uma coisa que ele tem de sobra é incoerência.

O que pretendo destacar nesta reflexão é a falta de compreensão ou a arbitrariedade no uso de palavras superlativas como recurso para valorizar ou destacar algumas manifestações e esconder ou ignorar outras. Este é um hábito recorrente e arrogante que orientou muitas das publicações sobre Arte Visual, principalmente, nos primeiros tempos dos estudos sobre Arte nas primeiras décadas do século XX.

Pode-se dizer que são os autores dos livros que definem tais qualidades ou generalizações e as impõem ao público. Nesta linha de raciocínio há determinantes de caráter pessoal como as selecionadas nos livros aqui exemplificados, mas também há determinantes de caráter editorial que limitam em certa medida o uso de ilustrações, portanto, nem sempre são apenas escolhas, mas circunstâncias limitadoras.

Limitações à parte o que se pretende destacar é o dano que as comparações e os superlativos causam sobre apreciadores ou leitores desavisados que acabam por reproduzir a crença de que há qualificações estáveis e constantes que devem ser preservadas. É importante refletir a respeito disto para não criar a ilusão de que algumas Obras de Arte têm qualidades suficientes para representar a humanidade, e outras não.

Recentemente “bombou” na internet as obras de um artista chinês que demonstram as habilidades do autor em reproduzir o visível à semelhança de fotografias. Não há dúvidas de que tais obras demonstram habilidades psicomotoras técnicas, artesanais e competência cognitiva altamente eficientes no que diz respeito à reproduzir o que é possível de se ver no mundo natural.

Contudo é necessário ressaltar que tais obras não correspondem ao que se entende por Arte Visual na contemporaneidade, são apenas demonstrações das grandes habilidades desenvolvidas pelo artista na reprodução de figuras que contém alto grau de similaridade com o visível e isto já ficou para trás no tempo e na arte desde o surgimento do Modernismo há mais de um século.



Leng Jun, é um artista chinês que tem mobilizado as redes sociais em torno de elogios ao artista por suas obras “fabulosas” e “impressionantes” Ao observar os detalhes, não há dúvidas de que ele detém uma grande capacidade de imitar, mimetizar o visível. Contudo não há nada que o coloque no contexto atual como um representante da Arte na contemporaneidade, o que “bomba” é a curiosidade, motivada pelo sensacionalismo da mídia “internetiana”.



Aqui vão mais detalhes desta obra para saciar a curiosidade. As informações foram obtidas na reportagem de uma publicação em rede. <https://funchalnoticias.net/2019/04/28/leng-jun-artista-chines-em-que-as-suas-pinturas-sao-consideradas-as-mais-realistas-do-mundo-video/>

O que o artista demonstra é sua habilidade de reproduzir efeitos de realidade em pinturas. Isto não é diferente do que outros artistas já fizeram, inclusive na tendência Hiper-realista que ocorreu por volta dos anos 60 e 70 do século passado na Europa e Estados Unidos, a partir do fotorrealismo, um movimento no qual pinturas e esculturas eram criadas buscando assemelhar-se à fotografias.

Uma linha de defesa mantida nestas Reflexões, é que todas as pessoas têm o direito de recorrer a todas as técnicas, processos, recursos e meios para produzirem trabalhos na área de Arte, contudo, esta liberdade não garante que tais obras dialoguem ou estejam em sintonia ou vigentes com seu tempo e lugar. Não se deve confundir interesse, vontade e escolhas pessoais com a produção artística contemporânea.

Há palavras que se mostram como altamente indutoras e se revelam como potenciais amplificadoras de qualidades das manifestações escolhidas, por exemplo: *Maravilhosa*, do Latim *mirus*: assombroso, surpreendente que gerou *mirabilis*: extraordinário, espantoso, maravilhoso um bom adjetivo para cumprir os fins aqui indicados e amplamente usado para destacar obras de interesse.

Admirável, também do Latim *ad*: junto, para e *mirus*, como se viu antes, maravilhoso mesmo, portanto pode ser usado para se referir a obras que tenham qualidades positivas, pois, não se aplica a circunstâncias negativas. *Magnífica*, do Latim *magnus*: grande e *facere*, fazer, logo, grande feito ou feita com grandeza. *Esplêndido*, deriva também do Latim *splendere*: brilhar, portanto brilhante.

Sensacional, de *sentire*: sentir, que se tornou depois *sensatus* para referir-se à capacidade de sentir e mais tarde passou a ser entendido como algo positivo, com boas qualidades. *Soberbo*, do Latim *superbus*: sensacional, suntuoso, orgulhoso. Aplicado como valor tem estes sentidos mas, por oposição Soberba é um defeito de quem é arrogante. *Superior* vem de *superus*: além, mais acima, algo que supera os demais.

Não há dúvidas de que é por meio das palavras que constroem as reflexões, estudos, análises e pareceres em torno do conhecimento. Não se pode dispensar o uso de algumas delas apenas pelo fato de que são potencialmente enaltecedoras. O que se coloca aqui é o mau uso de certas delas no intuito de criar a ilusão de que algumas obras merecem tais qualificações e outras não. Esta é a análise aqui pretendida.

Nesta mesma linha de raciocínio pode-se dizer que há frases que carregam consigo um parecer extremamente tendencioso. Uma delas tem uma carga de extrema presunção que deixa muitas das opiniões corriqueiras no bolso: “*Esta é a Verdadeira Arte*”. Uma afirmação como esta é altamente pretenciosa em, pelo menos, dois sentidos: um revela a suposta autoridade de quem diz.

Outro estabelece um referencial ou modelo superior predefinido que só algumas obras com tais características ou qualidades são admissíveis ou podem ser aceitas no contexto da Arte. Todas as outras que não se assemelham, não se parecem, ou não comungam dos mesmos valores não são dignas de figurarem ao lado delas. Este tipo de afirmação, tida como “verdadeira”, é totalitária e excludente.

Outros comentários curiosos no senso comum em relação a Obras de Arte são: “*É tão perfeita que parece natural*”. Quando se compara com fotografias: “*É tão real que parece fotografia*” ou “*A fotografia é tão boa que parece pintura*”, enfim, contrassensos como estes são comuns e revelam o despreparo das pessoas ao tecerem comentários com repertório e conhecimentos limitados.

Sempre é bom ponderar que ignorância é a falta de informação e nem sempre é culpa de quem a manifesta, pois não é uma opção pessoal, mas resultado de uma educação precária. Mesmo que a Legislação Educacional determine conteúdos e informações necessárias ao conhecimento artístico e cultural, nem sempre tais conteúdos se revelam no sistema educacional ou nas salas de aula.

A falta de aprendizado acaba por atingir os cursos superiores e propalarem as limitações que receberam na base educacional. Isto não se refere exclusivamente ao campo da Arte Visual, mas a todos os campos do saber nos quais as limitações decorrentes da inexistência ou inadequação de políticas públicas provocam no contexto educacional. Criar analfabetos culturais ou alfabetizados funcionais é estratégia de dominação.

A área de Ciências Humanas da Cultura, da Arte e, em especial, da Arte Visual, sofrem o preconceito de fazerem parte de um contexto que não gera ganhos econômicos, portanto, é tratada algo supérfluo, desnecessário e inócuo. Basta lembrar que uma ex atriz, responsável pela Cultura no País, na gestão 2018-22, chegou ao cúmulo de dizer que a cultura era o pum do palhaço.

Não há dúvidas que a Cultura e a Arte são campos do conhecimento e como tais devem ser respeitados como todos os outros, sejam geradores ou não de ganhos econômico-financeiros. Mesmo sendo tratados como menos importantes ou menos rentáveis, ainda assim são capazes de promover a manutenção de muitas pessoas que atuam com convicção neste campo, mesmo que precariamente.

Hoje em dia há várias iniciativas de artistas e até mesmo projetos institucionais destinados a incentivar atividades culturais. Alguns incentivos têm por base renúncia fiscal, como o caso de Leis de Incentivo Cultural e possibilitam que artistas e produtores culturais acessem investimentos que, por conta própria, não teriam como arcar. Isto, numa leitura mais rasa, caracteriza desencargo de consciência por parte do poder público.

A falta de políticas públicas mais eficientes e duradouras tende a atribuir à iniciativa privada e a produtores especializados a responsabilidade de atender as diferentes demandas sociais neste campo. O problema é que sempre se faz mais do mesmo, ou seja, projetos populares são sempre mais bem aquinhoados do que projetos mais consistentes e formativos. Males do sistema...

Nesta linha os incentivos acabam entrando com mais vigor para os eventos de caráter popular ou populistas estimulando os espetáculos de massa promovidos pela indústria cultural como *shows* de artistas populares. O que caracteriza uma inversão de destino já que tais artistas já detém acesso garantido junto a seu público. Usar incentivos fiscais para isto impede outras iniciativas de serem beneficiadas.

As distorções geradas por colocar como prioridades certos tipos de espetáculo em detrimento de outros é também um dos modos de desinformar. As mídias de comunicação de massa e a chamada Indústria Cultural, são bem eficientes em convencer dirigentes de que espetáculos, shows e grandes eventos populares fazem bem para o capital social e político de seus empreendedores.

Não há dúvidas de que há muitas pessoas envolvidas e que dependem destes espetáculos, seja em relação à produção, à logística, à segurança e mesmo na prestação de serviços dos mais simples e braçais até os mais complexos e especializados. Não há dúvida de que promovem o acesso a muitas pessoas a ganhos que garantem sua sobrevivência.

O que se coloca é a questão são os critérios de seleção: como investir em alguns e negar outros. O problema parece ser de quem faz as escolhas. O que as orienta ou o que está no subtexto dos projetos que valoriza alguns em detrimento de outros. Sabe-se, que há áreas, como a dos espetáculos ou do audiovisual, que requerem investimentos altíssimos e outras que requerem muito pouco. Como equilibrá-los?

Aqui a questão entra na esfera das políticas públicas. As leis de incentivo precisam aferir ou estabelecer critérios próprios para cada uma das áreas culturais já que as manifestações e atividades são diversas e distintas umas das outras. Não parece justo que ao contemplar as mais dispendiosas justifique a negação para as que exigem menos investimentos. Como se vê, é uma questão de critério.

“Superlativizar” não é apenas uma questão de qualificar, mas também de selecionar o que importa à Cultura e à Arte. Apelos populistas são mais rentáveis em termos de propaganda do que atividades menos conhecidas ou menos valorizadas. Isto cria um círculo vicioso, cada vez que se valoriza algo popular isto se torna cada vez mais conhecido e desejado, o contrário também ocorre.

Por não contar com apoio certas manifestações são relegadas ao ostracismo por desconhecimento, portanto, condenadas a não serem vistas, esquecidas e pouco valorizadas. O grupo musical Titãs, composto por Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sergio Brito, compuseram, em 1987, a canção “Comida”. Nela um verso se destaca: *“A gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão e arte”*.

Não se pode negar que o atendimento das necessidades básicas é essencial, mas não se pode ignorar também que uma nação, depende de outros e diversos fatores e estruturas para a construção de sua estabilidade e identidade social, entre as quais entram o Conhecimento, a Cultura e a Arte. Não se pode negar o “pão”, como símbolo do atendimento das necessidades biológicas, isto é mínimo.

Mas nem sempre o mínimo é atendido, portanto não é de se esperar que as necessidades psicossociais sejam atendidas, tampouco as socioculturais. Contudo a percepção do não atendimento, não deve ser um empecilho para a reivindicação de que se cumpram as proposições constitucionais relativas ao bem estar, ao trabalho, à educação, à saúde e à cultura.

Ao que parece, a questão dos *Superlativos em Arte Visual*, acabou chegando aos problemas de gestão de programas públicos de incentivo à cultura, às políticas públicas no atendimento das necessidades básicas da sobrevivência humana e às suplementares que contribuem para a estabilidade emocional de uma nação. É perceptível no contexto atual, que a sociedade está doente, a ascensão da violência demonstra isto.

Enaltecer a repressão, o ódio, o poder a qualquer custo, o desrespeito ao outro e às diferenças, a discriminação de gênero, orientação sexual, etnia, idade, pobreza, ignorância são sintomas que levam ao diagnóstico de Patologia Social. Uma anormalidade disruptiva dos padrões de comportamento de uma sociedade que contrariam a lógica do bem comum e das normativas ético-sociais prescritas no Contrato Social.

O desrespeito ou apagamento das regras do Contrato Social firmado para a construção do Estado, no caso das democracias que definem o estado de direito como base funcional da equalização dos poderes na relação com a sociedade e cidadania, é uma disfunção institucional que não pode ser institucionalizada ou normatizada a ponto de se tornarem comportamentos corriqueiros.

Este é o risco que correm os Estados democráticos sob a pressão de sistemas econômicos predatórios que vem sendo implantado desde a industrialização e, atualmente com as *Big Techs*, as grandes corporações midiáticas que dominam as redes sociais e manipulam condutas, valores e comportamentos sociais por meio de I.As. Enfim, hoje os Superlativos estão nas Redes Mundiais de Computadores.